

Ensino e Geografia

O Estado da Questão sobre a Mídia Cinemática no ensino em Geografia

The State of the Question about Cinematic Media in Geography teaching

El Estado de la Cuestión sobre los Medios Cinematográficos en la enseñanza de la Geografía

Patrick Neves da Rocha¹ , Elisângela de Felipe Rodrigues¹ 

¹ Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, Brasil

RESUMO

Imagens em movimentos estão presentes no dia a dia, trazendo sugestões e inúmeros símbolos carregados de intenções. Eles moldam, em certo ponto, os rumos da sociedade, seja direcionando opiniões ou trazendo conhecimento. Desse modo, as mídias cinemáticas se tornam um ótimo instrumento a ser utilizado por professores em sala de aula como recurso didático, devido aos avanços tecnológicos e à popularização da internet com suas mídias sociais. O presente artigo tem como objetivo analisar o uso das mídias cinemáticas no ensino de Geografia, utilizando a metodologia do Estado da Questão, a fim de compreender os limites e as possibilidades daquelas na Educação Básica, contemplando o Art. 26, § 8º, da Lei nº 9394 de 26/12/1996. Relaciona-se com o Trabalho de Conclusão de Curso vinculado a um Laboratório de Pesquisa e Ensino, em um curso de Geografia Licenciatura de uma Universidade Federal, que, através de pesquisa bibliográfica, trouxe a discussão da Mídia Cinemática no ensino em Geografia. Assim, este estudo considera que o uso das mídias cinemáticas auxilia o processo de ensino e aprendizagem, se levado em consideração o prévio conhecimento do professor sobre a mídia e o tema e trabalhados, bem como a inserção dos saberes dos alunos nesse processo.

Palavras-chave: Mídias cinemáticas; Ensino; Geografia; Estado da questão; Aprendizagem

ABSTRACT

Moving images are present in everyday life, bringing countless symbols and suggestions full of intentions. They shape, to a certain extent, the direction of society, whether directing opinions or bringing knowledge. In this way, cinematic media have become a great instrument to be used by teachers in the classroom as a teaching resource due to technological advances and the popularization of the internet with its social media. This article aims to analyze the use of cinematic media in teaching geography, using the State of the Question methodology, in order to understand the limits and possibilities of cinematic media in

Basic Education, contemplating Art. 26, § 8º, of Law n. 9394 of 12/26/1996. It is related to the Course Completion Work linked to a Research and Teaching Laboratory, in a Geography Degree course at a Federal University, which, through bibliographical research, brought the discussion of Cinematic Media in Geography teaching. Thus, this study considers that the use of cinematic media helps the teaching and learning process, if the teacher's prior knowledge of the topic and the media to be worked on and the insertion of students' knowledge in this process are taken into account.

Keywords: Cinematic media; Teaching; Geography; State of the matter; Learning

RESUMEN

Las imágenes en movimiento están presentes en la vida cotidiana, aportando innumerables símbolos y sugerencias llenas de intenciones. Ellos moldean, hasta cierto punto, la dirección de la sociedad, ya sea dirigiendo opiniones o aportando conocimientos. De esta manera, los medios cinematográficos se convierten en un gran instrumento a utilizar por los docentes en el aula como recurso didáctico, debido a los avances tecnológicos y la popularización de internet con sus redes sociales. Este artículo tiene como objetivo analizar el uso de los medios cinematográficos en la enseñanza de la geografía, utilizando la metodología del Estado de la Cuestión, con el fin de comprender los límites y posibilidades de los medios cinematográficos en la Educación Básica, contemplando el Art. 26, § 8º, de la Ley Núm. 9394 del 26/12/1996. Se relaciona con el Trabajo de Terminación vinculado a un Laboratorio de Investigación y Docencia, en la Licenciatura en Geografía de una Universidad Federal, que, a través de una investigación bibliográfica, trajo la discusión de los Medios Cinematográficos en la enseñanza de la Geografía. Así, este estudio considera que el uso de medios cinematográficos ayuda al proceso de enseñanza y aprendizaje, si se tiene en cuenta el conocimiento previo del docente sobre el tema y el medio a trabajar y la inserción de los conocimientos de los estudiantes en este proceso.

Palabras clave: Medios cinematográficos; Enseñando; Geografía; Estado de la cuestión; Aprendiendo

1 INTRODUÇÃO

A partir de um Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido no curso de Licenciatura em Geografia, em 2023, foi construído este artigo. O trabalho traz a análise do Estado da Questão no que se refere ao uso das mídias cinemáticas no ensino de Geografia. Buscou-se termos específicos (Mídia(s) Cinemática(s); Filme(s); Cinema; Cinema e Ensino; YouTube; Audiovisual; Geografia e Cinema; e Ensino e Mídias), selecionados durante a elaboração do referencial teórico, em quatro periódicos (Revista Tamoios, Revista Ateliê Geográfico, Revista Geografia Ensino e Pesquisa e Revista Brasileira de Educação em Geografia), considerando o lapso temporal de 2011 até o primeiro semestre de 2022. Assim, os textos encontrados na busca foram devidamente avaliados e contemplados, sob a óptica do Estado da Questão.

Quadro 1 – Relação de artigos encontrados e selecionados

Periódicos	Encontrados	Selecionados
Revista Tamoios	06	05
Revista Brasileira de Educação em Geografia	06	05
Revista Ateliê Geográfico	06	06
Revista Geografia Ensino e Pesquisa	18	03
Total	36	19

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Dessa forma, propomos, neste artigo, o exame do Estado da Questão no que tange à Mídia Cinemática no ensino de Geografia, revelando-se, em resumo, uma conversa entre o pesquisador e os escritos, cabendo uma análise crítica dos textos, conforme os estudos propostos. Segundo Silveira e Nobrega-Therrien:

Realizar o Estado da questão possibilita ao pesquisador conhecer o panorama de pesquisas e estudos na sua área de interesse, o que ocorre mediante criterioso levantamento bibliográfico realizado em diferentes instrumentos de busca. É possível conhecer, por meio de um inventário, o que foi pesquisado e, portanto, as contribuições de sua pesquisa para o conhecimento científico na área (Silveira; Nobrega-Therrien, 2011, p. 220).

Nesse sentido, observamos como a comunidade científica tem abordado o tema, discorrendo sobre a práxis docente e as mídias cinemáticas. Entendemos a relevância das mídias cinemáticas e restringimo-nos ao uso do termo, pois queremos ir além do Cinema, contemplando outras tecnologias com imagens em movimento e, em certos momentos, abarcar suas conexões com outros recursos didáticos.

Por esse motivo, justificamos que discorreremos acerca de alguns fatores fundamentais para a inclusão de mídias cinemáticas como recurso didático no Ensino Básico de Geografia, partindo da popularização da internet e de seus canais de vídeos e, além disso, das plataformas de streamings, tornando aquelas mais acessíveis e disponíveis ao uso docente. Assim, atende-se à perspectiva do § 8º, da Lei nº 9394 de 20 de setembro de 1996, incluído pela Lei nº 13006 de 26 de junho de 2014, que determina a exibição de filmes de produção nacional, de forma obrigatória, no Ensino Básico (Lei nº 9394/1996).

2 O ESTADO DA QUESTÃO

Dessa forma, iniciamos estudo do Estado da Questão, com o artigo nominado “Re) Discutindo pré-noções sobre o conteúdo de África no ensino de Geografia através do uso do cinema na Educação Básica”, de Flavio Guimarães Diniz, que em seu objetivo geral propõe o Cinema como recurso didático, ao abordar conteúdos referentes ao continente africano, levando em consideração a utilização de filmes, os quais não tragam uma visão pejorativa e unificada da cultura do continente, expondo o seguinte:

No processo de ensino-aprendizagem diversas formas e estratégias podem ser utilizadas para fornecer aos educandos um conhecimento que os permita tecer reflexões críticas sobre a realidade vivenciada pelos mesmos. Seguindo este pensamento defendemos a utilização de filmes e documentários como uma das propostas para o “desvendamento” de distorções e equívocos sobre alguns pontos de conteúdo do currículo, como por exemplo, o continente africano que geralmente é trabalhado pelas matérias escolares ligadas às chamadas ciências humanas (Diniz, 2011, p. 105).

Vê-se que o autor leva em consideração o conhecimento trazido pelo aluno e avalia a possibilidade da influência do colonizador, a qual unifica a diversidade cultural do continente africano, sendo simplista e, por muitas vezes, preconceituosa. Seguindo, Diniz (2011) expõe a metodologia do seu trabalho e propõe a utilização do filme Hotel Ruanda, de 2005, o qual não considera o mais fiel à realidade, mas sim oportuno, devido aos elementos contidos. Assim, sem interferir na didática, faz questionamentos aos professores sobre o processo de aprendizagem, e revela que:

Queremos atentar para o fato de que exibir uma película e abordar um conteúdo não é tão simples como parece. Antes de tudo, é preciso formular estratégias de abordagem para que estes materiais pedagógicos não sejam interpretados como instrumentos de recreação, quando na verdade defendemos a sua utilização pedagógica (Diniz, 2011, p. 105).

Portanto, a partir das respostas a perguntas feitas aos professores, concluiu-se que os materiais didáticos são deficientes ao abordar a África, e os alunos trazem essa visão deturpada do continente. Acredita-se que isso se deve à influência das grandes produtoras de mídia ocidentais. No que tange ao filme, todos os professores foram

favoráveis à sua utilização como material didático. Comentam, também, que apesar de alguns alunos não terem compreendido a dinâmica da aula, outros demonstraram uma opinião diversa, que ultrapassou a barreira formada pela hegemônica visão imperialista sobre o continente africano.

Assim, considera-se que o artigo em questão traz pontos relevantes para a utilização das mídias cinemáticas no ensino de Geografia, como a deficiência do material didático disponível nas escolas, o saber empírico do aluno, a fim de incluir a sua visão de mundo na dinâmica da educação e a utilização do Cinema como meio de desconstrução de uma realidade objetivada por uma cultura hegemônica.

Na sequência, o artigo “Oficina de filmes e relações raciais: materiais para a aplicação da Lei Federal nº 10.639/03 no Ensino Básico”, também de Flavio Guimarães Diniz, com a coautoria de Amãna Andréa Teixeira Vieira, Gabriel Romagnose Fortunato de Freitas Monteiro e Ronald Coutinho Santos, propõe cursos e oficinas voltados a professores da rede pública, estimulando e instruindo o uso das mídias cinemáticas em sala de aula. Para dar conta do objetivo geral, o artigo traz o resultado da oficina de filmes, o qual busca orientar a aplicação da Lei de Práticas de Diversidade Étnico-racial na Educação. O público-alvo da Oficina de Filmes foi um grupo de professores do Ensino Fundamental da rede municipal de Niterói. Já a composição do artigo, além de descrever o arranjo da oficina, tece pontos abordados, a partir do documentário “Vista Minha Pele” (2003), e capta os comentários dos docentes após a atividade.

A partir disso, podemos considerar que os autores enxergam o Cinema como uma forma de estudar o Espaço e o Tempo. Além do mais, estabelecem que a utilização de filmes como forma de material didático traz inúmeras possibilidades para o ensino e novas percepções do mundo. Ainda, destacam que;

Neste momento da oficina, atentamos os docentes para importância de se realizar um planejamento prévio antes da exibição dos filmes, deixando bem claro quais são os objetivos propostos a partir das obras cinematográficas, para que os alunos não vejam as películas como uma atividade recreativa, quando na verdade, defendemos a utilização de filmes na escola como uma atividade educativa (Diniz *et al.*, 2011, p. 64).

Ou seja, a preparação da aula pelo professor é importante, sendo necessária uma dedicação aprimorada, assim como o conhecimento prévio das opiniões dos alunos, como citado no artigo anterior, para melhor alcançar os objetivos. É o que reflete o próximo texto estudado, “O meio científico informacional e o uso do Cinema nas aulas de Geografia: provocando situações de aprendizagem”, de autoria de Prissilla Mello de Oliveira, quando expõe:

Sem a intenção de impor caminhos predeterminados, o objetivo do presente trabalho é indicar alternativas de se ensinar Geografia na escola. Busca-se apontar situações de ensino-aprendizagem que superem o senso comum e a simples memorizações e descrição de fatos, características ainda muito presentes no ensino da Geografia escolar. É fundamental destacar um processo de aprendizagem que seja construído pela conjunção dos conhecimentos prévios dos alunos, através de suas práticas espaciais, e os conceitos científicos. Neste sentido, o professor deve ser reafirmado como o mediador deste processo, pois necessita estar ciente de seus conhecimentos e ações (Oliveira, 2014, p. 42).

O objetivo do artigo mencionado é auxiliar o professor a utilizar o Cinema como uma alternativa, para provocar situações de ensino e aprendizagem na Educação Básica. Assim, ele dialoga com as questões levantadas até agora, sendo mais específico quando se refere à Geografia como área curricular abordada. Do mesmo modo, dispõe sobre a necessidade da preparação da aula, recomendando dois filmes, “Tapete vermelho” (2006) e “Wall-E” (2009), indicando fenômenos, ao passo que discorre momentos específicos de cada película e enumera atividades, relacionando o Cinema com outras práticas pedagógicas.

Além disso, em outro momento, destaca a alerta sobre a motivação da arte cinematográfica e as possibilidades pelas quais o artista lhe deu forma. É sabido que a Arte, sem dúvidas, é política, logo; “Toda informação transmitida possui certa intencionalidade, e muitas das vezes essas informações são lançadas ao público de forma desconexa, fragmentada e simplista” (Oliveira, 2014, p. 43). Desse modo, as mídias cinemáticas estão carregadas de intenções, cabendo ao professor o prévio estudo de suas fontes.

Não só dentro do contexto dos filmes a autora demonstra preocupação, ela alerta, também, para a quantidade de informações disponíveis aos alunos, trazendo a figura do professor para o centro da discussão, não como mediador, mas como uma figura que possui responsabilidades diante da construção social de seus alunos. Todavia, é percebido que há uma extensão além do cinema, diante mídias cinemáticas disponíveis. Tais mídias passam a circular no cotidiano de crianças e adolescentes, sendo impossível não pensar na possibilidade de utilização dessas inovações, adaptando-as ao ensino de Geografia.

Por isso, a proposta sobre as mídias cinemáticas, já que elas não estão limitadas ao Cinema propriamente dito, mas sim, abrangem, em larga escala, toda e qualquer relação audiovisual capaz de ser reproduzida em telas. Nesse sentido, encontramos, na realidade virtual, um ótimo exemplo sobre as possibilidades de conexão entre a tecnologia e o ensino em Geografia, ao que revela o artigo “Realidade Virtual e Geografia: o caso do google cardboard glasses para o ensino”, escrito por Phillipe Valente e Kairo da Silva Santos. Esse artigo tem como objetivo analisar a capacidade e a possibilidade da utilização da realidade 3d ou simulada, no ensino de Geografia. Foram, segundo os autores, elaborados óculos de realidade virtual caseiros, confeccionados através de modelos compatíveis com as lentes adquiridas no comércio. Trazem para o debate as possíveis utilizações dessa tecnologia e a forma como o professor de Geografia pode utilizar-se desses recursos. Explicam os autores:

Introduzir a experiência do espaço e do lugar na sala de aula, através da RV, se trata não apenas de um desafio prático, mas também teórico-conceitual. Estabelecer um paralelo que mostre o entrelaçamento entre diferentes conceitos (Realidade Virtual, Espaço, Lugar) é ainda um caminho pouco explorado. Busca-se, neste caso, entrelaçar os conceitos comuns aos diferentes sub-campos da Geografia (Geografia Urbana, Geografia Física, Biogeografia, entre outros) a Realidade Virtual, revertend esta junção para a prática de sala de aula (Cardoso; Santos, 2015, p. 139).

Portanto, esses desafios citados se definem como o alto custo e a falta de conteúdo disponível. Constatam que os melhores resultados foram obtidos com imagens do Google Street View, porque ele possui um número maior de conteúdos com boa qualidade. Já na plataforma YouTube são poucos os vídeos que atendem à tecnologia. Ressaltam que:

[...] nos vídeos filmados a 360° a percepção de profundidade é prejudicada, por não ser um espaço virtual, mas a possibilidade de filmar um dado local ou fenômeno e colocar o aluno participando certamente se constitui numa vantagem (Valente; Santos, 2015, p. 147).

Por consequência, é fato que a realidade virtual pode inserir o aluno frente a frente com um fenômeno, e diferentemente dos filmes, esse discente terá informações mais completas e complexas, tornando o evento algo muito mais proveitoso, no sentido educacional. Por outro lado, seria irresponsabilidade apresentar trabalhos que compõem possibilidades e avanços na Mídia Cinemática, sem discorrer sobre as mídias tradicionais, estas que diuturnamente interagem com a população e, por isso, tem uma relevância maior no dia a dia da sociedade, incluindo alunos do Ensino Básico.

É pontual descrever algumas considerações sobre as mídias tradicionais e as mídias cinemáticas, pois elas convergem quando falamos na experiência audiovisual, como os canais de televisão, que disponibilizam por 24 horas imagens e sons. No entanto, a internet, ao se popularizar, forçou outras mídias – rádios, jornais impressos e revistas – a mudarem suas formas de interação, adaptando-se às novas formas de entretenimento e jornalismo online.

Nesse sentido, trazemos o artigo “Reflexões e concepções sobre as mídias: A possibilidade de análise de discurso em sala de aula”, das autoras Camila Heimerdinger e Marli Terezinha Szumilo Schlosser, que é pertinente ao se falar sobre mídias cinemáticas. Ele é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso que teve seu objetivo geral ampliado, saindo de uma escala local para atingir uma amplitude maior, como dissertação.

Dessa forma, o texto colabora ao trazer as opiniões de professores e alunos do Ensino Básico sobre a mídia, como ela é trabalhada em sala de aula, e a definição pessoal de cada um dos entrevistados sobre ela. Destaca que não é possível desvincular a mídia da sua capacidade de distorção do discurso, o que eleva a necessidade de o professor saber reconhecer as manipulações e levá-las ao conhecimento do aluno. Assim:

Não há só um meio de comunicação, mas múltiplos, tanto esteticamente quanto em aspecto funcional, veiculando “informações” de forma

variada. Também há múltiplas abordagens e linhas editoriais que se comprometem com posicionamentos ideológicos, ou seja, com determinadas concepções de mundo sendo dissipadas através de discursos. Nesse sentido, é fundamental no exercício pedagógico que estas concepções editoriais/ideológicas fiquem claras para os alunos (Heimerdinger; Schollosser, 2017, p. 50).

Essa multiplicidade de mídias cinemáticas disponíveis e os diferentes discursos que elas carregam são problemas reais ao professor, pois o discente já traz uma carga de influência de instituições, presentes desde seu nascimento. Na escola, cabe ao professor ampliar a percepção de mundo do aluno e, principalmente, cabe à Geografia inseri-lo especificamente dentro de um espaço global e multipolar. Os conflitos sociais estão no cotidiano, oriundos das mais diversas fontes.

Então, nota-se que a conversação e a troca de experiências entre docentes é a melhor opção para difundir novas ideias de se trabalhar em sala de aula, ampliando a capacidade de ensino e aprendizagem, e divulgando outras práticas pedagógicas com seus resultados. Nesse contexto, o artigo “Múltiplas linguagens na produção do saber geográfico escolar”, de Clayton José Budin, possui origem em uma mesa-redonda, a qual disponibilizou possibilidades e resultados de atividades práticas, indo “além do cotidiano científico acadêmico, compartilhando experiências em relação ao método docente” (Budin, 2022, p. 69).

O artigo cita, em seu resumo, o cinema, a produção de vídeos e filmes, todavia não aprofunda as mídias cinemáticas. Das experiências mais relevantes, tem-se a avaliação através de uma variedade de ações, o que inclui a gravação de vídeos pelos próprios alunos. Essa abordagem se torna dinâmica e quebra algumas barreiras causadas pela apresentação em grupo, tornando o ambiente mais leve, para aqueles mais introvertidos. Por isso, relatos de experiências são importantes no ensino de Geografia.

Mas, não podemos nos restringir aos professores já graduados, é importante que a prática pedagógica seja apresentada ao docente em formação. A “Oficina Audiovisual: formação do educador de Geografia em temas simulados”, dos autores Eduardo Rodrigues Alves e Christian Dennys Monteiro de Oliveira, possui como objetivo uma reflexão sobre os experimentos metodológicos da Oficina Geográfica II.

Logo, corrobora que a formação de professores deve se preocupar, também, com a diversidade de materiais didáticos disponíveis.

O licenciando possui uma característica interessante, o qual, apesar de ser um discente, posiciona-se em determinados ambientes como professor em formação, necessitando da contribuição da academia para ser apresentado aos mais diversos recursos didáticos. Nisso, o artigo mostra que o audiovisual é o foco principal da oficina, sendo que nela os temas são previamente estipulados e discutidos, o material didático é construído e disposto em aula simulada pelos próprios universitários. Os autores explicam:

Com esta disposição inicial dos temas que foram abordados, propõe-se a diversidade de aspectos a serem enfatizados no ensino de Geografia por meio das ferramentas audiovisuais. Revela-se também o estabelecimento vínculos e linhas de progressão entre os temas. Assim, o exercício de estudos sobre este temário geográfico produção de materiais audiovisuais não se encerra na individualidade de cada assunto, mas também encontra na integração dos temas como um aporte teórico para refletir sobre o mundo da Geografia escolar e suas possibilidades (Alves; Oliveira, 2019, p. 311).

Nota-se que os fenômenos geográficos distribuídos pelo audiovisual utilizado são basicamente esgotados, no sentido de utilização, quando esses são conectados uns aos outros. Contudo, mesmo que um filme disponha de todos os elementos relacionados à Geografia, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), seria inviável trazer todas as observações em sala de aula. Desse modo, nada impede que esses múltiplos dados sejam trazidos em diferentes momentos. Nessa dinâmica, é possível utilizar-se das mídias cinemáticas, conforme a necessidade de cada conteúdo. Referindo-se ao desfecho do trabalho, os autores observam que:

Considerando as todas as etapas que antecederam as aulas temáticas, foi possível constatar o êxito de modo geral, no uso dos vídeos (denominados por Projeto Imagem e Som) para balizar os conteúdos explorados e os conceitos em discussão durante as simulações didáticas. De modo que os vídeos elaborados não se tornaram mais importantes do que a mediação docente; mas também não significaram meros recursos periféricos, ou como mera ilustrativa das aulas. Para isso, a curta duração como requisito para o uso dos vídeos foi fundamental, afastando assim a lógica pouco pedagógica de aulas resumidas à reprodução de filmes com longa duração (Alves; Oliveira, 2019, p. 315).

Por fim, considera-se importante o desenvolvimento das mídias cinemáticas como recurso didático desde a graduação, porque há o cuidado de se ampliar o recurso de diversas formas e em diferentes temáticas, tornando a sala de aula mais atrativa para o ensino de Geografia, colhendo bons resultados. Ainda, temos a menção de uma preocupação, aparentemente geral, de quem usa filmes: essa se revela com a precaução para que não se transforme a lição em um momento vazio, ou de lazer, e que ela não seja a única possibilidade didática, sendo sempre mesclada com outras.

Outra situação relevante sobre as mídias cinemáticas no ensino da Geografia é a educação para estudantes surdos, sendo que em “Possibilidades didáticas no ensino de Geografia para estudantes surdos”, os autores Bruno Luiz Cruz Lisbôa, Gabriele Leite Pacheco Lisbôa e Gilcileide Rodrigues da Silva, são pontuais em suas reflexões, principalmente por trazerem para a discussão um grupo de pessoas basicamente excluídas do convívio social. Pois, o mundo é feito de ouvintes e para ouvintes. Há ausência do poder público em garantir o bem-estar do estudante surdo incluso, com tradutor e inserção da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no ambiente escolar. Isso posto, o recurso visual se torna indispensável ao ensino de pessoas surdas, entretanto, algumas indagações dos autores são observáveis, em outras situações. Sendo

[...] um dos desafios impostos para a utilização de filmes nas aulas de Geografia está relacionado a suscitar nos estudantes a habilidade de refletir criticamente. Isso implica em desmistificar a ideia de que os filmes são representações fiéis da realidade, além de compreender que sempre há um posicionamento ideológico que sustenta a produção cinematográfica (Lisbôa; Lisbôa; Silva, 2020, p. 407).

Nota-se que não são novidades as questões apontadas pelos autores, artigos anteriores também apuram tais arranjos, dá-se a ideia de que os filmes nas aulas de Geografia possuem o poder de desabrochar o senso crítico nos alunos, porém, isso apenas funciona com uma aula minuciosamente preparada, e mesmo assim, não há garantia de sucesso pleno. Outra situação que se repete é a desmistificação de que filmes são representações fiéis da realidade. Por consequência, a visão ideológica por trás do enredo deve ser sempre desmistificada.

Como pontos favoráveis a essa possibilidade didática, encontramos o baixo custo, pois, atualmente, inúmeros filmes estão disponíveis gratuitamente na internet e, com recurso de projeção já comumente utilizado em sala de aula, pode-se, abaixo ou nenhum custo, ofertá-los aos alunos, embora haja os obstáculos já mencionados (Lisbôa; Lisbôa; Silva, 2020, p. 408).

Embora com a precariedade de estrutura de algumas escolas públicas e a dificuldade de inserir novas tecnologias, o texto menciona o baixo custo da utilização de filmes no ensino, e mesmo que a temática do escrito seja para aulas de Geografia para pessoas surdas, é incontestável a variedade de produções cinematográficas disponíveis gratuitamente na internet, e se somamos as demais mídias cinemáticas, teremos tem-se um leque ainda maior de possibilidades. O que nos leva a entender algumas considerações do artigo a seguir.

O texto “O cinema como diferença na linguagem do ensino em Geografia: uma cartografia provisória”, percorrido por Wenceslao Machado de Oliveira Junior e Gisele Girard, tem como escopo original um trabalho inicial sobre as múltiplas linguagens no ensino de Geografia, todavia, fez-se um recorte na linguagem do cinema. Assim, foi percebido um aumento na produção de trabalhos acadêmicos, disponíveis no Google Acadêmico, esse sendo uma ferramenta de pesquisa conjunta do buscador da provedora Google, voltada especificamente para buscas de textos (não servindo como periódico ou revista). Apesar disso, os autores destacam:

Observamos também, ainda que o dado não tenha recebido de nós uma sistematização, a diversidade e descentralidade da produção sobre ensino de Geografia e cinema pelo território nacional. Várias universidades, de muitos estados, apresentam hoje trabalhos sobre a temática. No entanto, esta produção disseminada é ainda muito vinculada a práticas de estágios de Licenciatura, PIBID e TCC de Licenciatura, como relatos de experiência (Oliveira Júnior; Girardi, 2020, p. 54).

Nesse sentido, relaciona-se, como destacado no artigo anterior, o baixo custo e o fácil acesso a filmes a um aumento da produção de escritos acadêmicos sobre o ensino de Geografia e Cinema. Até então, depois de descrever seus métodos de pesquisa, os autores passam ao objetivo central do trabalho, de criar uma cartografia, ou os caminhos

relacionados, os quais convergem a se tornar um só, entre o Cinema e o ensino de Geografia. Há, de certo modo, uma crítica em relação às pretensões da universidade e à absorção destas pelos docentes da Educação Básica, conforme ressaltam:

Docentes que atuam nesta abordagem são como que capturados e capturadas por um “destino” da educação em comunicar ou transmitir aos sujeitos algo que está, em regra, fora deles (normalmente os saberes da Geografia acadêmica tornados conteúdos da Geografia escolar). Com isto, a obra, os processos/materiais utilizados pelo artista (e mesmo os documentaristas o são) para expressar o mundo deixam de ser tematizados, como se aquilo que ali aparece expresso, no filme, se equivalesse a algo que é apenas comunicado (mostrado), como se a expressão não exigisse um ligeiro deslocamento da própria linguagem para conseguir expressar algo novo (criação) que, por sua vez, efetiva um ligeiro deslocamento da própria realidade apresentada no filme (Oliveira Junior; Girardi, 2020, p. 57).

Basicamente, os autores evidenciam que a Geografia escolar está presa às considerações da academia, utilizando uma visão de mundo pautada pelo animus da Geografia universitária. Porém, isso descarta a própria realidade do docente de Geografia e põe em dúvida a sua capacidade de desenvolver suas aulas, dentro das possibilidades didáticas que possui, ao buscar os melhores resultados no ensino e no aprendizado. Ao contrário, percebe-se que o acadêmico de Geografia se pauta na universidade, pois possui nenhuma, ou pouca, relação com a realidade docente. De certo modo, novos usos, outras experimentações e diversos conceitos são discutidos e testados em ambiente acadêmico, conotando uma dependência do Ensino Básico para com a universidade. Outra visão que se torna interessante, mas que apela para uma fidelidade, a qual o docente de Geografia fica impedido de exercer, é que a

A perspectiva criativa mantém-se predominante quando lidamos com o “ensino de”, pois as linguagens, até mesmo as facilmente entendidas como pertencente ao campo da arte, como o cinema, tendem a ser reduzidas a uma instrumentalização, esvaziando a especificidade da linguagem para dar relevo a um pretensão “real” manifestado na obra (Oliveira Junior; Girardi, 2020, p. 63).

São válidas as preocupações e as críticas, contudo, é necessário prever as contradições do filme ou documentário, ainda que a Geografia escolar não abarque

uma noção de Espaço Cinemático relacionada à produção do filme em si, nem a um estudo detalhado de como os filmes, as obras de arte, trabalham a questão do Espaço e da Paisagem em contradição à realidade. Os docentes têm a necessidade de levar fenômenos que jamais serão vivenciados pelos alunos. Nessa linha, está “O horizonte não é linear: paisagem e espaço na Perspectiva Audiovisual Linear de Anton Corbijn”, dos autores Cláudio Benito Oliveira Ferraz e Flaviana Gasparotti Nunes, obra em que são estudados a Paisagem e o Espaço através da leitura do filme linear, no qual os personagens não possuem fala, sendo o áudio composto por músicas da Banda U2.

A partir disso, a interação entre o Cinema e o observador mostra alguns elementos que abraçam a possibilidade de o professor abordar, no ensino de Geografia, definições representadas nos filmes. Isso se evidencia quando os autores ressaltam que: “Paisagem é a superfície, a mais profunda superfície, daí ser necessário ler a profundidade de sua superfície não só com os olhos, mas com o conjunto de sensações humanas, ampliando nossos referenciais de entendimento e percepção” (Ferraz; Nunes, 2014, p. 171). Elevando a importância da carga pessoal trazida pelo aluno, as suas experiências e toda a sua história pessoal, enfim, o docente, não imune aos apontamentos citados, conduz suas perspectivas em relação à didática.

Sem embargo, o objetivo do artigo se molda conforme a análise do filme e as relações com os conceitos da Geografia, que caminham filosoficamente lado a lado. Apontando a interação entre os sentimentos de quem assiste o filme, dando certo movimento à Paisagem e ao Lugar, conforme elementos são adicionados, estes acionam lembranças e aspirações que dão sentidos díspares para a mesma imagem.

Na sala de aula, a noção de pertencimento dá ao aluno um pouco do seu próprio mundo. Assim, as diferentes interpretações, carregadas de intencionalidades culturais e políticas, são as que causam o choque capaz de acionar a criticidade e, com isso, a ciência da própria realidade.

Atravessar os Pirineus, ou o mar Mediterrâneo, para quem sai de férias é diferente do que para alguém que está a trabalho, muito diferente do que para quem está migrando, e bem diferente para nós que assistimos a obra de Corbijn e vemos uma migração ao contrário, de retorno para a África (Ferraz; Nunes, 2014, p. 173).

Isso posto, é interessante como o autor adiciona os conceitos geográficos à dinâmica do filme. Porém, ele não trabalha na perspectiva do ensino, nem elabora uma temática a ser trabalhada em sala de aula, esse é um exercício de possibilidades. Nesse sentido, se tivermos a curiosidade de experimentar a análise como metodologia, devemos observar alguns detalhes, sendo o principal deles a intimidade do professor com a temática e a obra, além do conhecimento das visões dos alunos e, indiscutivelmente, a preparação da aula, incluindo as incursões programadas.

Essa dinâmica pode ser compartilhada com outros instrumentos, da mesma forma que os livros didáticos se adaptam e tem se transformado para aproximar alguns de seus elementos aos das mídias cinemáticas, encontradas na internet, conforme exposto no artigo “Sobre os arranjos visuais dos livros didáticos de Geografia”, de autoria de Gabriela Gomes de Almeida e Lara Vieira Guimarães. Nele é analisada a estética dos livros didáticos, especificamente os da coleção “Expedições Geográficas”.

Percebeu-se, então, a influência dos meios digitais nas adaptações harmônicas de estrutura próxima às encontradas na internet e nas redes sociais. Apesar de não focar diretamente na relação entre a práxis docente e o ensino de Geografia, o texto indica a tendência que o livro didático tem para se moldar e se tornar mais atrativo, enfatizando que:

Toda essa gama de produções imagéticas pode se constituir em um interessante material nas aulas de Geografia e pode ser integrada a análise do livro didático. Não podemos esquecer que as imagens são testemunhas de uma geograficidade construída socialmente (Almeida; Guimaraes, 2021, p. 21).

É percebido como as mídias cinemáticas influenciam o ensino, mesmo em instrumentos como o livro didático, pois a aproximação do aluno com as redes sociais e a internet é natural, hoje. No mesmo sentido, o artigo dispõe sobre as dificuldades encontradas em escolas públicas, para a realização de exercícios de interação entre as mídias cinemáticas e o livro, expondo as dificuldades encontradas pelo professor para planejar uma aula.

Nesse caso, precarização da educação é o que mais atrapalha a utilização e a experimentação de diferentes materiais didáticos. Perdem-se muitas oportunidades de levar à sala de aula noções de Espaço e Paisagem, dentre outras, existentes. É o que faz Karina Eugenia Fioravante, no texto “Espaço carcerário, gênero e cinema: as imagens prisionais em Leonera”. Nesse texto, a autora traz para a discussão a espacialidade carcerária feminina, a partir do filme Leonera (2008), mostrando o cotidiano da protagonista no cárcere, e, segundo Fioravante (2012), traz elementos que beiram a realidade. Dessa forma, a autora revela a importância da Geografia Feminista:

Esperamos ter obtido êxito no sentido de mostrar ao leitor o quanto os espaços carcerários podem ser um rico campo investigativo para a ciência geográfica. Da mesma forma, gostaríamos de reafirmar o quanto as proposições das Geografias Feministas, das quais utilizamos para nossa reflexão o conceito de gênero, vêm nos oferecendo um amplo campo para discussão, englobando temáticas e sujeitos que, comumente, costumam ser esquecidos em outras abordagens científicas (Fioravante, 2012, p. 241).

Essa citação corrobora com a ideia de que o Cinema pode dar novas alternativas ao cientista e, por consequência, ao professor. A autora inicia o artigo tecendo considerações e conceitos que serão analisados no filme, através de uma óptica feminista, apresentando outras autoras importantes dentro da ciência geográfica. Em seguida, revela a pergunta sobre o cárcere e a sua relação com a Geografia, mostrando quais perspectivas são observadas para o conceito de Espaço Carcerário. Após, faz uma leitura do filme Leonera, ao mesmo tempo em que o correlaciona com a realidade presente nos presídios. Nesse momento, Fioravante (2012) elucida as inúmeras possibilidades do uso do Cinema pela Geografia e, por consequência, o uso das mídias cinemáticas em sala de aula, pois, ao pensarmos geograficamente sobre as obras cinemáticas, podemos levar o aluno a observar diversos fenômenos, e trazer discussões para além da sala de aula, tendo em vista o conhecimento empírico do discente, enriquecendo o diálogo, o ensino e a aprendizagem. Mas, por outro lado, a autora prioriza a questão científica da análise de filmes, mantendo uma distância com a vivência e a realidade do aluno.

É interessante fazer uma pequena pausa nesse momento para afirmar que o olhar que nós, cientistas, temos com relação a um filme é completamente diferente da audiência em geral. Além de nossas ideologias e capital cultural, observamos as imagens, os cenários fílmicos, a partir de um olhar próprio, treinado para análises geográficas. Essa também é uma das grandes contribuições da Geografia (Fioravante, 2012, p. 222).

Esse ponto revela o caráter científico do olhar de Fioravante (2012), na intencionalidade de promover o Cinema como objeto de estudo da Geografia, e mesmo sem fazer referência à Educação Básica, pode-se ter certeza de que haverá participação docente e discente.

Assim, seguindo no movimento científico de Fioravante (2012), tem outra obra de sua autoria, "Geografia e Cinema: a releitura dos conceitos de Espaço, Paisagem e Lugar a partir das imagens em movimento", que se constitui em um levantamento de textos e artigos, focando seu objetivo na ciência geográfica e a sua relação com o Cinema, com a intenção de compreender como aqueles se entrelaçam diante das possibilidades de se refletir e problematizar conceitos. O texto inicia propondo e analisando expectativas de estudos geográficos, a partir do Cinema, além de relatar a facilidade com que o geógrafo se aproxima das películas, devido as suas possibilidades de trabalho.

O desenvolvimento teórico pelo qual passaram ao longo da história da disciplina direcionou os geógrafos a utilizá-los tendo como referência sua coerência e capacidade explicativa. Isso significa que, por mais que adaptações e modificações tenham sido realizadas pelos geógrafos que utilizam as imagens em movimento, a base fundadora dessas noções permanecem as mesmas (Fioravante, 2018, p. 275).

Ou seja, o geógrafo utiliza a mesma base dos conceitos, quando observa o fenômeno na natureza e na película. Por isso, as definições apresentadas: de Espaço e de Paisagem. Desse modo, a autora aborda as diferenças dos conceitos citados, tanto os contidos nos filmes, os quais aparecem como representação do natural, e o Espaço e a Paisagem do set de filmagem e toda a sua dinâmica. Ao citar essa diferenciação, Fioravante (2012) tece críticas à omissão da Geografia, a qual se importa apenas com o filme pronto e o que ele representa.

Não obstante, nota-se a preocupação com o olhar do geógrafo diante das imagens em movimento, tendo aquele, por obrigação, a sensibilidade de pensar todas as etapas de criação e o que elas representam no filme. O lugar das filmagens, muitas vezes, não condiz com o local apresentado pela narrativa da obra: uma praia do Caribe, por exemplo, pode originalmente ser filmada no litoral do Maranhão. Diferentemente da tecnologia de óculos em 3D e da realidade virtual, que tem a capacidade de observar eventos a distância no exato local que eles ocorreram. Fioravante explica:

Para compreender a paisagem metáfora é importante considerar que a imagem que é apresentada na tela possui algumas características gerais. Primeiramente, pode-se apontar que a imagem desenvolve uma relação dialética com o espectador a partir da criação de um complexo afetivo-intelectual. Isso significa que, por mais que o cineasta seja responsável pela criação de grande parte dos significados os quais a imagem em movimento transmite, parte dessa significação é feita a partir do contato destas com a audiência (Fioravante, 2018, p. 290).

Outro ponto relevante nessa citação é a maneira que a autora discorre sobre a interpretação do telespectador, algo que é levado em consideração nos outros artigos, e que ficou um tanto quanto ausente no texto anterior. Isso se torna relevante ao entendermos que, apesar da vontade dos produtores do filme, todos os símbolos e todas as intenções dispostos na tela terão significados a partir da experiência pessoal de cada um que assiste. Desse modo, em sala de aula, cada aluno trará consigo uma visão da realidade, e a interpretação da Mídia Cinemática oferecida dependerá dessa memória, internalizada, distinta e autônoma em cada discente. Na mesma sintonia, "Pensamentos espaciais grafados pelo cinema: sobre território, paisagem e política nas geografias de *Árido Movie*", de Mariana Costa da Silva e Antônio Carlos Queiroz Filho, vem com o objetivo de demonstrar essa conexão entre a vivência e a interpretação, como também, trazem o olhar do Geógrafo diante dos conceitos pinçados a partir dos filmes.

Nesse contexto, relacionamos o conhecimento do roteirista e o do diretor da película, pois suas intenções são realçadas com suas intenções. Como já foi dito em trabalhos analisados anteriormente, é importante compreender a finalidade, a visão sobre a história e todo o conjunto cultural contido, ainda mais quando falamos de

sala de aula. E nisso se reforça a necessidade de um conhecimento prévio dos saberes da turma, como, também, uma preparação para analisar os diferentes pontos que podem ser discutidos ou referenciados. Em outras palavras, o objetivo do trabalho é verificar a Geografia contida no filme *Árido Movie*, de 2006. Nesse contexto, os autores iniciam o artigo fazendo referências conceituais e promovendo o uso do Cinema para análises geográficas, pela ciência.

Em seguida, passam a analisar a Geografia contida nas imagens em movimento, de uma forma, até certo ponto, poética, visualizando cada detalhe e cada referência às questões políticas, culturais, paisagísticas, espaço-temporais dispostas. Concluem, basicamente, que a Geografia se encontra dentro do Cinema e se revela ao telespectador de diversas formas, pela simbologia e passagens sutis, reforçando na memória algumas questões. Todavia, como exposto, as intencionalidades de quem produziu e roteirizou a trama podem conter uma visão distorcida e hegemônica, levando a fixar pontos incoerentes e forçar um revisionismo histórico, conforme ressaltam:

As imagens são fortes argumentos na construção de pensamentos, de narrativas e o seu valor político está apoiado na sensação de realidade que está atribuída nas imagens. Quando olhamos uma imagem temos a sensação de aquilo que está ali é o real, é o que acontece e isso é um grande aliado na construção das narrativas, do senso comum e de outras versões hegemônicas de uma história (Silva; Queiroz Filho, 2012, p. 214).

Dito isso, é interessante, tanto ao professor de Geografia quanto ao geógrafo, exercitar a capacidade de interpretação, tentando fugir do senso comum ou da obra meramente artística, apontando as contradições e revelando os momentos históricos e cotidianos que situações análogas ocorreram, dando voz à cultura mencionada.

O texto, “La imagen como conocimiento: una mirada política sobre el sentido del cine como recurso para la comunicación y la educación”, de Alicia Fernanda Sagüés Silva, vem ao encontro dessa discussão. O objetivo central do artigo é demonstrar que o uso das imagens no ensino é uma decisão política, pois as imagens dão a possibilidade de uma livre interpretação e, por consequência, a produção de um pensamento crítico. Silva (2015) é professora universitária e indígena Machupe, povo que vive no Centro-Sul do Chile e Sudoeste da Argentina. Ela inicia o texto tecendo sua

trajetória e sua cultura, enquanto discorre sobre a importância dos povos originários. A seguir, revela suas intenções com o texto, expondo a visão artística das imagens e as suas possibilidades de interpretações, as quais estão contidas no imaginário de quem vê, indo além da intenção do fotógrafo. Ainda, escreve que o uso e o estudo das imagens no ensino são aprimorados quando postas em movimento, ou seja, nesse momento discorre sobre as mídias cinemáticas.

De certo modo, a autora não relaciona seu trabalho diretamente ao ensino de Geografia, todavia, os conceitos que usa e que apresenta são objetos de estudo da ciência geográfica, sendo eles: Paisagem, Espaço, Cultura.

Con este artículo deseo aportar al análisis de cómo, con la incorporación de la imagen, primero visual y luego audiovisual en general y documental en particular, las personas y los pueblos pueden empoderarse del proceso comunicacional que estas “herramientas” constituyen, creando una cuarta dimensión podríamos decir, que implica la generación de un nuevo sentido de lo político en lo social, a través de la imagen audiovisual en circulación. Y fortalecer la idea que, de esta forma, esa construcción es hija de la cosmovisión particular de esta cultura sumada a la concepción particular del realizador, interpretada por el “inter-audio-visualizador” (Silva, 2015, p. 12).

A partir desses conceitos, compreende-se o uso político no ensino, a partir das imagens e da Mídia Cinemática. Nesse contexto, faz uma crítica forte e pontual à universidade, pois quando o pesquisador se volta ao fenômeno contido na imagem ou no vídeo, ele faz leituras meramente científicas, enquanto o leigo é levado pela experiência visual, carregado pela sua cultura e sua vivência, podendo fazer uma interpretação mais pura e, muitas vezes, próxima à intenção do artista.

Em relação ao ensino e à prática docente, o professor avalia a interpretação a partir do seu juízo, ou do entendimento acadêmico, sem deixar margens para o aluno decifrar conforme as suas vivências e as suas experiências. É nesse momento que se entende sobre o uso político das imagens, porque, a partir do momento em que a academia passa a ditar a interpretação, ela evidencia que apenas aquela visão das coisas é a correta. Enfim, percebemos que a autora, na posição de indígena,

denuncia que a universidade brasileira apaga, a partir da imposição da sua realidade, a criatividade e a criticidade dos povos originários.

Por outro lado, “O contexto social e a construção da identidade no Sertão Nordestino/Brasil – releituras do filme *Narradores de Javé*”, de Maria Augusta Mundim Vargas, volta-se a questões culturais expostas no filme *Narradores de Javé* de 2004, e cita algumas peculiaridades na exposição e na busca de uma identidade da cidade de Javé, município nordestino ameaçado pela construção de uma barragem. Todavia, não analisaremos a história da película, pois esse trabalho já foi feito por Maria Augusta. No entanto, o objetivo do artigo é a observação dos conceitos e dos símbolos utilizados na construção do filme e a interação destes na elaboração de uma identidade cultural no Sertão Nordestino. O texto inicia a partir de considerações técnicas sobre a obra, e segue em um formato interessante, por meio da exposição da narrativa temporal da trama, dos conceitos, das percepções e dos pontos que geram o debate.

De modo geral, é difícil extrair o texto, sem separá-lo do filme, e sem conhecer as intenções e o nível de apego à realidade da obra, ao Sertão Nordestino e a sua cultura. Fica-se reféns da instrução do filme e, como já foi dito, é perigoso se referenciar apenas pelas mídias cinemáticas, devido à representação de uma realidade estar distorcida por visões pejorativas e exageradas, ao ponto de transformarem uma cultura plural, como é a cultura nordestina, em uma unidade caricata. Assim, em sala de aula, resta a preparação da lição e a expertise do professor para lidar com essas distorções. Por isso, textos como o de Maria Augusta são importantes, não para a exposição de um único filme, mas para se ter noção de como procurar, além dos conceitos, as manipulações. Ou seja:

Pelo exposto, ressaltamos a constelação de conceitos correlatos ao contexto social, à região Nordeste e à identidade desenrolados nesta breve exposição sobre o filme *Narradores de Javé*. Passamos pela Geografia sem relegar a História pela memória, o Direito pelo apalavrado, a Metodologia da pesquisa pela escuta. A narrativa dos narradores de Javé integra múltiplos aspectos dessa constelação de conceitos pelas temporalidades mostradas e tratadas – o passado, o presente e o devir (Vargas, 2019, p. 170).

Dessa forma, a autora coopera com a práxis docente, definindo modos e estratégias a serem seguidos. Mas, apesar dessa colaboração, a dinâmica de trabalho segue a sua função acadêmica. E, contudo, enquanto professores, fica-se à mercê da academia, de suas proposituras e distorções, pois, a forma de apresentação, apesar de didática, não dá noções de como agir em sala de aula, deixando a cargo da habilidade do professor.

Por isso, necessita-se de textos que dialoguem com a dinâmica da licenciatura, voltados a uma pedagogia, correlacionando a ciência com o dia a dia da escola. Nesse sentido, “Os filmes como instrumento didático-pedagógico para o ensino de Geografia”, escrito por Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti e Glauber Magalhães de Freitas, foca diretamente na Geografia escolar. Como citado pelos autores, o objetivo central do artigo é a utilização dos filmes como um instrumento didático e pedagógico no ensino de Geografia.

Diante disso, o texto inicia com considerações sobre o trabalho, dando sequência com a metodologia de pesquisa, onde explica o método escolhido. Seguem, os autores, uma rigorosa estrutura, quando estabelecem um padrão, no qual, apresentam os conceitos e discorrem, fundamentando com cada definição encontrada. Seguiu-se essa estrutura para explanar sobre o uso de tecnologias educacionais na educação escolar. E, a partir desse ponto, construiu-se uma relação entre tecnologias, educação, ensino de Geografia e práxis docente.

Nesse sentido, é evidente a necessidade da utilização de novas metodologias no domínio do ensino da Geografia, ciência que se caracteriza pelo alto grau de dinamicidade e interdisciplinaridade no seu corpo conteudista. O professor de Geografia deve ser um produtor e pesquisador de novos métodos de ensino, visando a dinamização de suas aulas para promover bons resultados na relação ensino-aprendizagem (Chiapetti; Freitas, 2020, p. 2).

Apesar de anterior às considerações sobre os conceitos, a citação, traz a preocupação dos autores com a atuação do professor, revelando, que o trabalho está focado na figura docente e na utilização dos seus métodos, diante das tecnologias

atuais. Embora, mantenham também um enfoque no Cinema, abrem espaço para outros tipos de mídias, incluindo as mídias cinemáticas:

[...] o filme desponta como uma das tecnologias capazes de contribuir de forma positiva para o enriquecimento das aulas de Geografia, visto que proporciona aos alunos a inserção em aulas mais atrativas, interativas e dinâmicas (Chiapetti; Freitas, 2020, p. 17).

Mas, a interação com o cinema se dá pela facilidade de se encontrar bons conteúdos, que possuem a capacidade subjetiva de interpretação.

Indo ao encontro de “As potencialidades e as limitações das diferentes linguagens no processo de ensino em Geografia: uma reflexão pedagógica para o uso do cinema”, artigo escrito por Valdemira Pereira Canêjo de Andrade, Francisco Kennedy Silva dos Santos e Josias Ivanildo Flores de Carvalho, verifica-se que o Cinema é bastante valorizado no ensino de Geografia, pelas características multidisciplinares da ciência, pelas possibilidades e pelos símbolos encontrados em filmes. Destaca-se que o diálogo com o professor acontece, na maioria das vezes, abordando o processo de ensino e, também, os objetivos gerais a serem alcançados, principalmente a formação de indivíduos críticos e capazes. O texto em si se caracteriza como um manual ao professor, seus objetivos trabalham para isso, em um diálogo franco e acadêmico. Os autores destacam, no primeiro parágrafo do artigo:

Sair da rotina do dia a dia escolar e trazer outros elementos importantes para a formação dos educandos é difícil para o professor, nesse sentido, é importante ressaltarmos que a carga horária das aulas de Geografia também tem influência na questão. É um desafio para o professor despertar o interesse ou a curiosidade dos alunos, a construção do conhecimento e sua respectiva contextualização com o seu meio, que pode ser seu cotidiano e os acontecimentos da sociedade global. Buscar outras atividades, de forma que venha a contribuir significativamente para o aprimoramento intelectual, crítico e ético dos alunos, é fundamental para a prática do professor na contemporaneidade (Andrade; Santos; Carvalho, 2019, p. 2).

Assim, o primeiro parágrafo é convidativo e sensível aos problemas diários de professores. De fato, o texto prende a atenção daquele que faz a leitura, por estar ciente das verdades da atuação docente. Mas, por outro lado, essa estruturação parece

disposta de modo não ocasional, pois logo a conversação se torna sugestiva. Não que isso seja uma crítica negativa, ao contrário, forma-se uma abordagem simbólica, que convida à experimentação. Seguindo, os autores passam a discorrer sobre as múltiplas linguagens no ensino, informando e sugerindo seus usos, sendo, em um primeiro momento, não direcionadas às mídias cinemáticas. Posteriormente, passam à figura do Cinema, pontuando autores que corroboram com o objetivo, refletindo sobre o seu uso de forma pedagógica.

Atraídos pelas atribuições dos professores, os autores destacam alguns pontos específicos de documentos oficiais e da legislação, carregando, até certo ponto, a reflexão para uma postura de deveres e obrigações. Mantêm, então, a conexão com as diferentes linguagens, agora como uma forma de alcançar as finalidades, trazendo uma linguagem mais direta e um tanto quanto convincente. Deveras, a figura do docente se entrelaça com o discente, em uma troca de aprendizagem, onde ambos aprendem um com o outro. Apesar disso, o professor, por uma postura costumeira ou cultural, apresenta-se como uma figura de saber, não absoluto. Todavia, os alunos e a sociedade o enxergam como se obtivesse uma fluência intelectual e, também, como intermediador das fontes de informação. O professor de Geografia se vê nesse dilema e, por muitas vezes, coloca-se à frente da sala de aula com uma postura conciliadora, mediando o conhecimento empírico e o educacional do discente, porque a Geografia é inerente à vida cotidiana, sendo que em todo o lugar e a todo o momento as interações entre o Espaço e a Sociedade acontecem. Por isso, dizem os autores, que o Cinema é a melhor forma de alcançar objetivos pedagógicos. Em outras palavras, as possibilidades que os filmes nos trazem sobre conceitos geográficos é o que tornam as películas a principal forma de levar a Geografia para dentro da sala de aula.

Por outro lado, quando se fala de mídias cinemáticas, estende-se o leque de materiais a serem utilizados para auxiliar o ensino, sendo que videoaulas, cursos a distância e escolas de Educação a Distância (EAD), tiveram um crescimento indiscutível. O artigo “Índice de desenvolvimento humano (IDH) em aulas de Geografia: uma análise de vídeos educativos na internet” contempla passos importantes para a docência

e a sua relação com a internet. Então, ao entrar na temática do artigo, percebe-se que ele é resultado de parte de uma pesquisa de doutoramento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e possui como autores Daniel Godoy e Paulo Roberto Rodrigues Soares. O texto tem como objetivo analisar alguns conceitos existentes no que diz respeito às videoaulas, mais precisamente no conteúdo relativo ao índice de desenvolvimento humano. Nota-se que, não fica claro, no artigo, a escolha das videoaulas como objeto da pesquisa, mas traz algumas considerações importantes, que demonstram a relação da internet com o aluno de Ensino Médio.

O IDH se relaciona com o ensino de Geografia nas videoaulas estudadas, principalmente por uma demanda das avaliações do tipo concurso público e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sendo relacionado as exigências de conhecimentos curriculares referentes ao Ensino Médio. Nos comentários dos vídeos foi possível reconhecer que estudantes do Ensino Médio assistem as aulas também como forma de complementar estudos do ensino escolar presencial (ENEM) (Godoy; Soares, 2020, p. 2).

Esse ponto comprova a existência da interação dos alunos com a internet, reforçando que não é apenas na sala de aula que os processos de aprendizagem ocorrem, e isso corrobora com a ideia de que o professor deve estar atento aos conteúdos dispostos na rede mundial de computadores. Além de, também, induzir que o diálogo com o aluno faz parte desse processo, permitindo, ao mesmo tempo, a construção de uma pré-aula participativa, tornando o discente uma parte importante do planejamento, como alguém que está no mesmo nível de capacidade. Isso posto, o texto segue apresentando conceitos de Espaço e da Psicofera do Espaço Geográfico, Representações Sociais do Espaço e Espaços de Representações, trabalhados por Milton Santos (1996), Bonfin (2012) e Lefebvre (2013), respectivamente. Desse modo, os autores concluem:

As inter-relações observadas no espaço social gerado pelas videoaulas, permitem reconhecer relações de ausências e presenças de forças sociais que atuam simbolicamente na construção dos sentidos e significados do imaginário geográfico, direcionando ancoragens e objetivações nas representações sociais do espaço (Godoy; Soares, 2020, p. 17).

De certa forma, os autores conseguem relacionar o conteúdo trabalhado com o formato das videoaulas, dando ao leitor uma perspectiva da inter-relação dos conceitos com os métodos de ensino, incluindo a matéria ministrada em aula. Godoy e Soares (2020) observam com eficiência a interação dos alunos com a internet, saem de uma zona de conforto, no caso dos filmes, e adentram ao conteúdo de Geografia escolar. E, são pontuais, ao abordar a discussão das videoaulas.

3 CONCLUSÃO

Alcançados os objetivos e contemplado o Estado da Questão, conclui-se que o uso das mídias cinemáticas auxilia no processo de ensino e aprendizagem, se levado em consideração o prévio conhecimento do professor sobre a mídia e o tema trabalhados, bem como, a inserção dos saberes dos alunos nesse processo. Assim, coloca-se em pauta as contradições e se eleva o debate, criando o ambiente propício para o ensino. Em relação aos textos, percebe-se a repetição do Cinema e a abertura para novas tecnologias que remetem às mídias cinemáticas.

No entanto, cabe salientar que a busca se deu junto aos periódicos, com a inserção dos termos considerados pertinentes na barra de pesquisa, e existe a possibilidade de que algum artigo não tenha sido relacionado, devido a fatores próprios dos mecanismos de busca. Ainda, nota-se que o Estado da Questão não foi citado pelos autores analisados, porém não se descarta o seu uso como metodologia.

Portanto, o que impede de diversificar o ensino e trazer novos métodos didáticos é o acesso a esses materiais e a falta de interesse do poder público em investir na infraestrutura educacional. Percebe-se, que tanto a academia quanto os próprios professores estão dispostos à utilização das mídias cinemáticas como recurso didático no ensino de Geografia.

Conclui-se, com o Estado da Questão das mídias cinemáticas, que se faz necessária a constituição de rodas de formação nos cursos de licenciatura, levando em conta a escuta e a valorização das experiências de professores da Educação Básica, em relação às suas práxis docentes, para trabalhar com as mídias cinemáticas.

É importante a construção de projetos de extensão em diálogo com os saberes docentes e experienciais dos professores da Rede Básica de Ensino, dos licenciandos e dos professores dos cursos de licenciatura em Geografia, constituindo uma troca de experiência sobre práticas pedagógicas e de como trabalhar com as mídias cinemáticas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. G.; GUIMARÃES, I. V. Sobre os arranjos visuais dos livros didáticos de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 11, n. 21, p. 05-24, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v11i21.773>. Acesso em: 13 nov. 2022.

ALVES, E. R.; OLIVEIRA, C. D. M. Oficina audiovisual: formação do educador de Geografia em temas simulados. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 9, n. 17, p. 302319, 2019. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/617>. Acesso em: 04 nov. 2022.

ANDRADE, V. P. C.; SANTOS F. K. S.; CARVALHO, J. I. F. As potencialidades e as limitações das diferentes linguagens no processo de ensino em geografia: uma reflexão pedagógica para o uso do cinema. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 23, e24, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499431491>. Acesso em: 18 dez. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB. Lei nº 9394/1996. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2022.

BUDIN, C. J. Múltiplas linguagens na produção do saber geográfico escolar. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 67–90, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i19.910>. Acesso em: 04 nov. 2022.

CARDOSO, P. V.; SANTOS, K. S. Realidade virtual e Geografia: o caso do google cardboard glasses para o ensino. **Revista Tamoios**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 137-148, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2015.19925>. Acesso em: 04 nov. 2022.

CHIAPETTI, R. J. N.; FREITAS, G. M. Os filmes como instrumento didático-pedagógico para o ensino de Geografia. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 23, e43, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499437765>. Acesso em: 18 dez. 2022.

DINIZ, F. G. Re) Discutindo pré-noções sobre o conteúdo de África no ensino de Geografia através do uso do cinema na Educação Básica. **Revista Tamoios**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 101-110, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2011.1689>. Acesso em: 04 nov. 2022.

DINIZ, F. G.; MONTEIRO, G. R. F. F.; VIEIRA, A. A. T.; SANTOS, R. C. Oficina de filmes e relações raciais: materiais para aplicação da Lei Federal nº 10.639/03 no Ensino Básico. **Revista Tamoios**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 67-71, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2011.1708>. Acesso em: 04 nov. 2022.

FERRAZ, C. B. O.; NUNES, F. G. O horizonte não é linear: paisagem e espaço na Perspectiva Audiovisual Linear de Anton Corbij. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 166-180, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/28153>. Acesso em: 13 nov. 2022.

FIORAVANTE, K. E. Espaço carcerário, gênero e cinema: as imagens prisionais em Leonera. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 218-245, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/18769>. Acesso em: 13 nov. 2022.

FIORAVANTE, K. E. Geografia e Cinema: a releitura dos conceitos de espaço, paisagem e lugar a partir das imagens em movimento. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 272-297, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/43532>. Acesso em: 13 nov. 2022.

GODOY, D.; SOARES, P. R. R. Índice de desenvolvimento humano (IDH) em aulas de Geografia: uma análise de vídeos educativos na internet. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 24, p. e17, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499439136>. Acesso em: 18 dez. 2022.

HEIMERDINGERH, C.; SCHLOSSERS, M. T. S. Reflexões e concepções sobre as mídias: a possibilidade de análise dos discursos em sala de aula. **Revista Tamoios**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 44-60, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2017.29625>. Acesso em: 04 nov. 2022.

LISBÔA, B. L. C.; LIBÔA, G. L. P.; SILVA, G. R. Possibilidades didáticas no ensino de Geografia para estudantes surdos. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 20, p. 399-410, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i20.927>. Acesso em: 04 nov. 2022.

OLIVEIRA, P. M. O meio técnico científico informacional e o uso do cinema nas aulas de Geografia: provocando situações de aprendizagem. **Revista Tamoios**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 41-54, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2014.7460>. Acesso em: 04 nov. 2022.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M.; GIRARDI, G. O cinema como discurso na linguagem do ensino de Geografia: uma cartografia provisória. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 45-66, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i19.872>. Acesso em: 04 nov. 2022.

SILVA, A. F. S. La imagen como conocimiento: una mirada política sobre el sentido del cine como recurso para la comunicación y la educación. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 07-21, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/35763>. Acesso em: 13 nov. 2022.

SILVA, M. C.; QUEIROZ FILHO, A. C. Pensamentos espaciais grafados pelo cinema: sobre território, paisagem e política nas geografias de Árido Movie. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 6, n. 4, p. 197-215, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/17963>. Acesso em: 13 nov. 2022.

SILVEIRA, C. S.; NOBREGA-THERRIEN, S. M. Estudos sobre pesquisa e formação de professores da Educação Básica: a elaboração do Estado da Questão. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 4, n. 27, p. 219-243, jul./dez. 2011.

VARGAS, M. A. M. O contexto social e a construção da identidade no sertão nordestino/Brasil – releituras do filme Narradores de Javé. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 162-173, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/70561>. Acesso em: 18 dez. 2022.

Contribuições de autoria

1 - Patrick Neves da Rocha

Universidade Federal do Rio Grande, Licenciado em Geografia
<https://orcid.org/0009-0003-5368-1479> • patrickfurg@gmail.com
Contribuição: Conceituação, investigação, escrita - primeira redação

2 - Elisângela de Felipe Rodrigues

Universidade Federal do Rio Grande, Doutora em Educação Ambiental
<https://orcid.org/0000-0002-8288-0640> • lizafelippe@gmail.com
Contribuição: Conceituação, metodologia, escrita - revisão e edição

Como citar este artigo

ROCHA, P. N.; RODRIGUES, E. F. O Estado da Questão sobre a Mídia Cinemática no ensino em Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v.28, e84321, 2024. Disponível em: 10.5902/2236499484321. Acesso em: dia mês abreviado ano.